

Tematizando as brincadeiras africanas na EMEI Nelson Mandela

Tathiana Gonçalves
Leonardo de Carvalho Duarte

Neste texto relatamos uma experiência de tematização de brincadeiras africanas, desenvolvida entre os meses de agosto e dezembro de 2018, no *Grupo Terra*, composto por 29 crianças entre 4 e 6 anos, da Escola Municipal de Educação Infantil Nelson Mandela. A escola foi inaugurada em 1955, e está localizada no Bairro do Limão, no distrito do Limão, localizado na parte Noroeste da Zona Norte do município de São Paulo.

A EMEI Nelson Mandela está vinculada à Diretoria Regional de Educação (DRE) Freguesia do Ó/Brasilândia. Até junho de 2016 chamava-se EMEI Guia Lopes passando à nova denominação em 28/06/2016, através da Lei 16.463/2016¹. Ao final de 2017, por decisão do conselho escolar, a instituição aderiu ao programa de educação integral da SME-SP. No ano seguinte, as crianças frequentaram a escola das 8h às 16h. Outra característica é a constituição de grupos multietários com crianças de 4, 5 e 6 anos na mesma turma.

As motivações para iniciar a tematização foram a articulação com o projeto político pedagógico da unidade e a lei 10.639/03, que dispõe sobre o ensino da história e cultura afro-brasileiras. Nossa escola desenvolve um trabalho implicado com as questões étnico-raciais que atravessam os projetos e as práticas cotidianas. Em 2018, celebramos o centenário de Nelson Mandela, patrono da unidade, e os valores civilizatórios afro-brasileiros foram temas abordados em todas as turmas. Partiu daí a definição das brincadeiras africanas como práticas corporais a serem tematizadas.

No primeiro semestre de 2018, a professora Tathiana apresentou e organizou a vivência de algumas brincadeiras africanas (*terra e mar*, *fogo na montanha*, *saltando feijões*), nos momentos previstos para utilização da quadra. As crianças demonstraram interesse e empolgação na vivência dessas brincadeiras, o que levou a professora a tornar as brincadeiras africanas tema de estudo no segundo semestre. Momento em que o professor Leonardo passou a colaborar com os trabalhos.

Os objetivos iniciais foram: ampliar o repertório de brincadeiras do grupo; estabelecer conexões entre os modos de vida de

1 <http://sedin.com.br/new/index.php/lei-no-16-4632016-alteracao-nome-de-emei-guia-lopes-para-emei-nelson-mandela/>

africanos e brasileiros, reconhecendo identificações a partir das brincadeiras; ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre as brincadeiras africanas e ressignificá-las conforme as necessidades do grupo. A tematização se desenvolveu, principalmente, no momento destinado ao trabalho com a cultura corporal, previsto na linha do tempo do grupo (uma vez por semana, durante 45 minutos), mas também atravessou diversos outros momentos da rotina escolar.

O trabalho teve início com uma roda de conversa:

Leonardo: Eu ouvi a prô Tathi dizendo que vocês vão estudar na hora da cultura corporal as brincadeiras africanas?

Várias crianças: Sim!

Criança 1²: Da África do Sul.

Criança 2: Das Áfricas.

Criança 3: Nós gostamos de brincar, tem uma brincadeira legal.

Criança 4: Nós fizemos pula feijões.

Leonardo: Eu vi vocês brincando de pula feijão.

Criança 1: É pula feijões.

A criança 2 começa a tentar explicar como é a brincadeira...

Leonardo: E por que, vocês estão chamando essa brincadeira de pula feijões e dizendo que é uma brincadeira da África?

Criança 5: Porque os brancos mudou o nome.

Criança 6: Porque veio lá da África.

Leonardo: Hum! Mas eu conheço essa brincadeira como relóginho.

Criança 1: Mas não é relóginho.

Criança 2: Tá errado, é pula feijões.

Leonardo: E como vocês sabem que não é o nome certo?

Criança 7: Porque a prô nos contou que os brancos mudou o nome.

Leonardo: E como será que a prô Tathi descobriu isso?

Criança 2: Ela pesquisou na internet.

Leonardo: Pesquisou na internet? E tudo que tá na internet é verdade?

Várias crianças: Siiimm!

Leonardo: Será? E como as crianças da minha escola, que fica aqui no Brasil, brincam dessa brincadeira e chamam de relóginho?

Criança 1: É porque eles não sabem o nome, que os brancos mudaram o nome.

Criança 2: Conta para eles.

2 Devido alguns fatores, entre eles baixa qualidade de alguns áudios, ausência do nome das crianças em alguns registros, etc. optamos por não identificar nenhuma criança pelo nome para evitar erro na atribuição das falas.

Leonardo: Os brancos mudaram o nome da brincadeira? Por quê?
Criança 8: Eles não gostavam dos negros e mudaram o nome que os negros colocaram.
Leonardo: Será?
Criança 5: A prô que falou.
Criança 9: A prô pesquisou na internet.
Leonardo: E será que tem outros lugares que a gente pode pesquisar também? Para saber mais sobre isso?
Criança 2: Dá para gente perguntar para os africanos.
Leonardo: Que mais?
(Alguns segundos em silêncio)
Leonardo: A prô pesquisou na internet, a gente já falou que pode perguntar para alguém, fazer uma entrevista? E qual outra forma a gente pode pesquisar?
Criança 1: No site.
Criança 3: No blog.
Criança 4: Que é isso?
Criança 3: No Google, no computador.
Criança 6: Tablet.
Leonardo: E onde mais a gente pode fazer pesquisa? Vocês só usam computador para fazer pesquisa?
Criança 10: No globo.

Considerando o interesse de conversar com as crianças sobre a África e as brincadeiras africanas, levamos para a sala um globo terrestre que permaneceu desmontado ao lado da roda de conversa. A presença do globo estimulou as crianças a indicá-lo como recurso para a pesquisa. Recorremos ao material para continuar a conversa e problematizar a presença de brincadeiras africanas na escola.

Leonardo: No globo? Dá para fazer pesquisa no globo?
Várias crianças: Sim!
Leonardo: Então deixa eu montar aqui. Todo mundo já sabe que isso aqui é o globo?
Criança 11: É o planeta terra, parece.
Leonardo: Todo mundo acha que é o planeta terra?
Várias crianças: Sim!
Criança 12: Tem um monte de país.
Leonardo: Isso aqui é como um desenho do nosso planeta.
Criança 10: Tem muitos país, Brasil, São Paulo.
Leonardo: São Paulo é um país?
Criança 1: Não, é uma cidade.

Leonardo: Vocês sabem onde é o Brasil?
Várias crianças levantam para apontar no globo.
Criança 2: Eu moro aqui – apontando para São Paulo.
Leonardo: E onde fica a África?
Várias crianças apontam no globo
Leonardo: Vocês conhecem alguma coisa da África?
Criança 3: Nelson Mandela.
Leonardo: Olha só, as brincadeiras africanas acontecem aqui na África e nós estamos aqui no Brasil – indicando no globo.
Criança 4: Trouxeram da África para o Brasil.
Leonardo: E como vocês acham que as brincadeiras vieram da África para o Brasil?
Criança 5: Nadando.
Leonardo: Nadando? Será?
Leonardo: E será que veio alguma brincadeira daqui da China para o Brasil?
Criança 7: Aqui é a China?
Leonardo: Sim
Criança 7: É longe.
Leonardo: Vocês falaram que veio brincadeira daqui da África até aqui e será que veio da China também?
Várias crianças: Não!
Criança 8: Não tem brincadeira na China.
Leonardo: E dos Estados Unidos, será que veio alguma brincadeira?
Algumas crianças: Não!
Leonardo: E da Argentina?
Algumas crianças: Não!
Leonardo: E porque vocês acham que vieram brincadeiras da África e não vieram da China, dos Estados Unidos e de outros lugares?
Silêncio
Leonardo: Por que vocês acham que vieram brincadeiras da África? Quem trouxe?
Criança 13: Nelson Mandela.
Criança 1: Vovô Madiba.
Tathiana: Será que vovô Madiba que trouxe?
Várias crianças: Sim!
Criança 5: Quando ele era novinho ele veio para São Paulo.
Criança 2: Veio alguma brincadeira aqui dos lugares onde tem neve para o Brasil?
Leonardo: O que vocês acham?
Criança 10: Não, não tem ninguém morando lá.
Tathiana: Será que não tem ninguém morando lá?
Criança 6: O urso.

Criança 8: O urso polar.

Criança 3: O urso mora na floresta.

Leonardo: Então eu tenho um desafio para esse grupo, o grupo vai descobrir como essas brincadeiras chegaram aqui.

Tathiana: Como a gente vai descobrir?

Criança 1: Perguntar para família.

Criança 3: Para o pai, para o tio.

Tathiana: Tá vendo que vocês sabem que existem outras formas de pesquisar.

Criança 2: Mas pô, você falou que as brincadeiras vieram da África.

Tathiana: Sim, eu pesquisei, mas o que o Léo está perguntando para gente é como elas vieram?

As ideias iniciais sobre as brincadeiras africanas (*“vieram nadando”* e *“alguém trouxe”*) foram se modificando ao longo da tematização. Além de suspeitarem do *“Nelson Mandela”*, *“vovô Madiba³”*, *“alguém que viajou para África”*, *“a família Abayomi⁴”* e *“a Cibele⁵”*, as pesquisas e vivências, permitiram às crianças anunciar outras possibilidades, por exemplo: *“foram os negros que vieram como escravos que trouxeram”* e *“eles ensinaram de pai para filho”*.

Leonardo: Quais foram as brincadeiras africanas que a pô Tati já ensinou para vocês?

Criança 9: Pulando feijões.

Criança 11: Fogo na montanha.

Silêncio

Leonardo: Eu pensei que o Grupo Terra sabia muitas brincadeiras da África, mas até agora vocês só falaram duas.

Criança 2: Terra e mar.

Leonardo: Será que lá na África tem mais que 3 brincadeiras?

Crianças: Sim!

Leonardo: Então a gente pode descobrir mais?

Crianças 5: Tem comida do Japão e da Espanha.

Leonardo: Se tem comida de outros países por que não tem brincadeira? Será que tem alguma brincadeira que a gente faz aqui que veio lá do Japão?

3 Referência a Nelson Mandela.

4 Bonecos de pano. Figuras de afeto que compõem a proposta curricular da escola.

5 Diretora da escola.

Tathiana: Oh Léo, então nosso desafio pode ser descobrir se as brincadeiras que a gente faz aqui vieram de outros lugares?

Leonardo: O que vocês acham? É mais legal descobrir sobre as brincadeiras lá da África, ou descobrir de onde vieram as brincadeiras que a gente conhece?

Várias crianças: Da África.

Levamos para turma, como contribuição dos professores para as pesquisas do grupo, o livro *Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural*⁶, produzido a partir do projeto *Ludicidade Africana e Afro-brasileira*, da Universidade Federal do Pará e, organizado pela professora Debora Alfaia da Cunha. O livro tornou-se um elemento importante da tematização, passou a fazer parte do acervo de materiais da sala e ficou disponível ao grupo para manipular e consultar. As crianças sugeriram recorrer a ele para selecionar brincadeiras, encontrar informações sobre as características, formas de jogar, regras, etc.



Momentos de manuseio, consulta e leitura no livro⁷.

6 Trata-se de um e-book disponível para download gratuito na internet. Providenciamos a impressão colorida do material para facilitar o acesso e manuseio pelas crianças. Disponível em: <https://ipfer.com.br/wp-content/uploads/2017/09/ebook-brincadeiras-africanas-para-a-educacao-cultural.pdf>

7 Todas as fotos que constam nesse relato fazem parte do acervo dos autores e da unidade escolar.

Vivenciamos 10 brincadeiras diferentes, uma ou duas a cada semana. As vivências ocorreram conforme a compreensão que tivemos das regras lidas no livro. Ao longo das atividades e a partir de diferentes problematizações, as práticas foram ressignificadas segundo as necessidades, interesses, sugestões e desejos das crianças. Houve modificações de regras, formas de jogar e também nas significações anunciadas pelas crianças sobre a África, os africanos e as brincadeiras africanas e brasileiras, conforme ilustram os registros produzidos, fotografias, desenhos, ações, e diálogos gravados, filmados e/ou escritos, ora pela professora regente, ora pelo professor de Educação Física, ora pelas crianças.



Terra e mar – Moçambique 



Banyoka – Zâmbia  e Zaire 



Meu querido bebê – Nigéria 



Saltando feijões – Nigéria 



Comboio – Botswana 



Fogo na montanha – Tanzânia 



Ahm totre – Gana 



Kakopi – Uganda 



Pilolo – Gana 



Antoakyire – Gana 

Certo dia, propusemos refazer a brincadeira *saltando feijões* como estava proposta no livro. Tathiana escreveu a letra S, inicial do nome da brincadeira, e as crianças buscaram e identificaram no índice. Fizemos a leitura das informações e assistimos a um vídeo da brincadeira indicado no e-book. Depois montamos o instrumento para a brincadeira com uma garrafa pet, as crianças colocaram os feijões na garrafa e a professora amarrou o cordão. Giramos a garrafa e as crianças também quiseram girar. Elas disseram que nossa brincadeira não estava igual ao vídeo.

Criança 1: Prô a gente não está fazendo igual no vídeo.

Leonardo: Pessoal, o (criança 1) acha que não estamos fazendo igual ao vídeo e vocês?

Algumas crianças: Tá sim, igual.

Outras crianças: Tá não, tá diferente.

Leonardo: O que vocês acham que tá diferente?

Criança 1: Vamos olhar no livro prô.

Pegamos o livro e revimos o vídeo no celular e...

Criança 2: A cor da corda.

Criança 4: O tamanho da corda.

Criança 5: O lugar onde está passando a corda.

Criança 6: A cor do feijão.

Criança 8: A quantidade de feijão.

Leonardo: Mas, será que é por isso que estamos fazendo diferente ou porque no vídeo as pessoas são maiores?

Várias crianças: Por causa do brinquedo.

Tathiana: Será que não é porque as pessoas do vídeo são adultas e conseguem pular mais?

Várias crianças: Não!

Criança 1: Adulto não brinca.

Criança 2: Eles trabalham.

Tathiana desafiou uma criança a pular junto com ela a ver quem pulava mais alto. Pularam juntas e as crianças não conseguiram identificar quem pulou mais alto, então propusemos pular para frente e verificar a distância. Todas as crianças quiseram participar e ver quem pularia mais longe. Repetimos mais de uma vez o pulo, algumas crianças pularam em distâncias diferentes, algumas bem próximas à professora, outras distantes, outras fizeram mais de um pulo desconsiderando a regra.

Leonardo: Olha só o que aconteceu, cada pessoa pulou de um jeito, cada criança fez uma distância.

Criança 3: Eu e a (nome da criança 4) pulamos igual.

Criança 1: Eu pulei igual a prô.

Leonardo: Sim, algumas crianças pularam distâncias bem parecidas, mas outras bem diferentes. Teve gente que pulou bem próximo da prô, e teve criança que foi mais longe, mais perto. Cada pessoa faz coisas diferentes das outras, adultos fazem coisas diferentes de crianças, de outros adultos, e uma criança também faz coisas diferentes de outras crianças.

Apesar da tentativa de identificar e afirmar as diferenças entre adultos e crianças e das crianças entre si, quando retomamos a questão da similaridade entre a nossa brincadeira e a do vídeo, parte das crianças insistiu que o problema era o brinquedo. Realizamos a atividade outros dias com o brinquedo produzido de forma idêntica ao visualizado no e-book e também de outras maneiras, utilizando saquinho de pano com pedrinhas, folhas e papel, pois surgiram outras questões, por exemplo, as crianças reclamaram que *“dói quando a garrafa bate no pé”*, que *“feijão é comida e a gente não devia ficar gastando”*. A partir das vivências e dos acontecimentos, produzimos outras formas de brincar.

Quando iniciamos a leitura da explicação da brincadeira *ahm totre*, as crianças imediatamente mencionaram que parecia com corre-cotia. Após algumas rodadas, mudamos para a brincadeira *antoakyire* e, durante a explicação, novamente algumas crianças falaram “é igual corre-cotia”. Quando as vivências terminaram conversamos sobre as características das brincadeiras.

Leonardo: Essas brincadeiras são parecidas?

Várias crianças: Siiimm!

Leonardo: O que elas têm de parecido?

Criança 10: Parece corre-cotia.

Criança 12: Parece pega-pega.

Tathiana: Mas parece como? O que tem de parecido nessas brincadeiras?

Criança 2: Tem que fazer um círculo.

Criança 3: Tem que andar.

Criança 4: E correr.

Criança 5: Tem que pegar o colega.

Contamos às crianças que essa brincadeira também parecia com outra que fazíamos na Bahia e que chamava “chicotinho queimado”.

Leonardo: Por que será que essas brincadeiras são tão parecidas?

Criança 1: É igual só mudou o nome.

Criança 2: É, deve ter sido os brancos que mudaram o nome.

Leonardo: Será que essas brincadeiras são todas iguais e só mudaram o nome?

Algumas crianças: Não.

Outras crianças: Sim.

Tathiana: Lembra o que aconteceu quando a gente estava brincando de saltando feijões?

Crianças: Sim.

Tathiana: O que aconteceu?

Criança 10: A gente mudou para saltando folhas.

Tathiana: Ah! A gente também mudou o nome da brincadeira?

Criança 19: Foi.

Criança 1: E mudou as regras também.

Leonardo: Então, Grupo Terra, quando estamos fazendo uma brincadeira a gente também pode mudar o nome e as regras, não é mesmo?

Crianças: Sim!

Tathiana: Será que isso pode ter acontecido com essas brincadeiras que nós vimos hoje?

Crianças: Sim.

Em outro dia...

Criança 14: Ai Léo, tá doendo minha perna.

Leonardo: Doendo a perna? E como vocês acham que pode ficar mais fácil?

Criança 2: Nós ir andando.

Leonardo: Andando?

Criança 3: Ir assim ó (faz o movimento com os pés e mão no chão e demonstra).

Leonardo: Pode ir assim (nome da criança 3)? E como vai todo mundo junto assim?

Criança 3: Pode ir segurando na mão do amigo.

Criança 4: É, ai fica mais fácil.

Criança 2: Segurando a mão do amigo que tá do lado.

Leonardo: Todo mundo concorda em ir usando a mão?

Crianças: Sim.

Leonardo: Então, vamos experimentar assim.

Em diferentes momentos da tematização conversamos com as crianças sobre as possibilidades de modificar as regras e as formas de brincar, sempre após vivenciar a brincadeira, conversar como foi e decidir coletivamente sobre as mudanças. Em diversos momentos houve conflitos de interesse por parte das crianças, algumas faziam propostas de mudança, outras reclamavam, alguns concordavam outros discordavam, alguns faziam propostas em benefício próprio, algumas desistiam de brincar, alguns ganhavam, outros choravam, etc. Durante as brincadeiras, diversas relações de poder iam se explicitando e regulando de diferentes formas as atividades. Permanecemos atentos para mediar as situações no sentido de apoiar as crianças que estavam em desvantagem e pensar coletivamente o direito de todas participarem, os interesses comuns e incomuns e o cuidado com o Outro.

Vários momentos da rotina das crianças foram alimentados pela tematização e também alimentaram a tematização. Por exemplo, os momentos de registro, onde as crianças escrevem, desenham, pintam, etc. foram espaços privilegiados para expressar aprendizagens e compartilhar experiências. Outro momento muito interessante foi a participação da avó de uma criança do grupo e de uma funcionária da escola, ambas convidadas para compartilhar experiências da infância e ajudar as crianças a pensar sobre a ancestralidade. As conversas abordaram a transmissão das brincadeiras entre as gerações.



Fotos das conversas com a dona Pedrina e com a vovó da Heloisa.

As crianças reconheceram e associaram as brincadeiras africanas e os valores civilizatórios afro-brasileiros que estavam sendo investigados no projeto didático da turma durante o ano letivo. Durante as vivências também puderam identificar e experimentar a *ancestralidade*, as *memórias*, o *comunitarismo*, a *cooperatividade*, a *circularidade*, a *musicalidade* e a *oralidade*.

Os registros permitiram e potencializaram a avaliação do trabalho, além de socializar a experiência com a comunidade. Discutimos com as crianças diferentes formas de compartilhar as experiências e surgiu como ideias a produção de um livro, de um cartaz e de um vídeo. As crianças se dividiram entre a produção do vídeo e do cartaz. Ambos foram executados e exibidos durante a mostra cultural no final do ano.



Momentos de registro e produção do cartaz para mostra cultural





Exposição na sala do Grupo Terra no dia da mostra cultural de final de ano

O vídeo⁸ foi produzido a partir dos registros fílmicos e fotográficos realizados pelos professores ao longo da tematização. As crianças figuram como protagonistas. O vídeo foi exibido primeiro para as crianças, que demonstraram grande alegria ao ver o resultado, depois foi exposto na mostra cultural para visualização das famílias.

Dentre os efeitos da tematização identificamos a maior participação e expressão das crianças para além do território da cultura corporal, mas nas diversas atividades da escola. Em momento de avaliação da professora Tathiana considerou que, “as crianças se sentiram empoderadas por protagonizarem os momentos de reviver cada brincadeira ou de ter suas ideias aceitas. Esse movimento fez com que algumas crianças passassem a se colocar mais e dar mais sugestões sobre o que fazer em determinadas atividades, pois sabiam que estavam sendo realmente ouvidas”.

Apesar das nossas impressões, dos registros e das avaliações positivas, não há certeza sobre e/ou controle dos efeitos das vivências na vida das crianças, das famílias, dos professores ou da comunidade. Contudo, não podemos deixar de acreditar na potência que a experiência tem para, “reconhecer, valorizar e positivar a ancestralidade africana, que caracteriza o povo brasileiro, permite aos alunos se perceberem herdeiros dessa cosmovisão e próximos culturalmente da criança dos países africanos⁹”.

8 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pzRS5rIQMcs>

9 CUNHA, Débora Alfaia da. *Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural*. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016, p.24 (e-book).

Passinho dos maloka nas aulas de Educação Física

Vinicius Paixão de Carvalho

O presente trabalho foi realizado durante todo o segundo semestre de 2019, junto às turmas do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Terezinha Mota de Figueiredo, localizada na Zona de Sul de São Paulo, no bairro do Jardim São Bento Novo, região do Capão Redondo.

Antes do começo das aulas, em uma reunião de planejamento, busquei alguns companheiros para obter informações sobre essas turmas. Considerando que seria meu primeiro contato com elas, precisava saber um pouco sobre o que estudaram nas aulas de Educação Física dos anos anteriores.

Iniciado o ano letivo, conversei com os alunos e soube que a maior parte de suas experiências abarcavam os esportes coletivos e as brincadeiras, mesmo que tenham sido lembrados que as ginásticas, danças e lutas também podem ser abordadas.

Após dialogar bastante, decidi tematizar a ginástica de academia. O tema gerou descontentamento nas turmas que diariamente reivindicavam aulas livres. Persistindo na proposta, convidei dois professores que atuam em academias do bairro para promover vivências da zumba. Observei, nessas ocasiões, que alguns estudantes realizavam passinhos de funk.

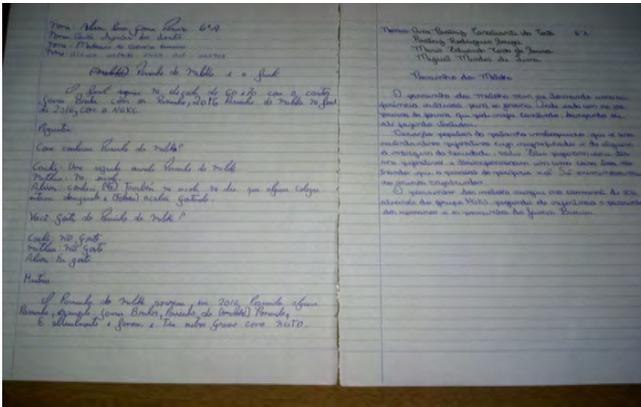
Certo dia, enquanto caminhávamos da sala de aula para a quadra, um automóvel passava na rua em frente à escola, divulgando as atrações do circo instalado nas proximidades. Quando o alto-falante tocou o funk *Movimento da Sanfoninha* da cantora Anita, vários estudantes repetiram a gestualidade que fizeram durante as vivências da zumba. Isso me fez pensar que no segundo semestre poderíamos abordar a dança.



Estudantes dançando ao som do *Movimento da Sanfoninha*

Tão logo retornamos do recesso de meio do ano, apresentei às turmas as fotografias acima e informei que naquele semestre estudaríamos a “dança dos passinhos”. O celular circulou de mão em mão: “elas estão dançando o passinho dos maloka”, “que dança é essa?”, “af, nada a ver com passinho dos maloka”. Diante das falas, redefinimos o tema proposto, em vez de “dança dos passinhos”, seria o “passinho dos maloka”.

Solicitei à turma que se organizassem em grupos para discutir e, na sequência, registrar por escrito o que sabiam sobre o passinho dos maloka, onde surgiu, que grupos dançam, onde aprenderam a dançar e o significado da palavra maloka. Cada grupo expôs à turma o conteúdo das suas anotações e, mais uma vez, constatei divergências nos posicionamentos.



Registro da atividade

O encontro seguinte aconteceu na sala de vídeo. O acesso à internet e as caixas de som possibilitaram a organização do nosso primeiro “baile dos malokas”.





Baile dos malokas

Os estudantes sentiram-se livres para escolher as músicas e se dançariam ou não. Alguns preferiram ficar sentados, apenas observando. Disseram que não estavam a fim, não sabiam ou não gostavam.

Na semana posterior, o professor da sala de informática ajudou-nos a selecionar materiais para uma pesquisa. Visitamos alguns portais, acessamos e selecionamos vídeos no Youtube. Anotamos os links na lousa como sugestões para conhecer um pouco mais sobre o tema. Quem conhecia os materiais indicados, optou por buscar outras referências. Todos foram orientados a registrar as informações que julgassem relevantes acerca do passinho dos maloka.



Pesquisa na sala de informática

No encontro seguinte os resultados das pesquisas foram apresentados. Disseram que o passinho dos malocas surgiu no carnaval de 2017, quando um grupo de garotos se reunia na escola para ir até a Avenida Faria Lima sair nos blocos. Começaram a juntar o passinho do romano com outras danças.

Muitos estudantes relataram que o contato com o passinho malocas dera-se por meio de vídeos do Youtube, parentes e amigos do bairro ou na própria escola. Uma garota do 6º C relatou que na *Fábrica de Cultura* do Capão Redondo acontecem várias atividades de dança das quais participavam colegas de outras turmas. Inclusive, um grupo de funk ensaiava no local.

A informação me levou até a Karine, estudante do 9º ano que frequentava as aulas de break dance na *Fábrica de Cultura*. Contou que o NGKS (Negrokis), grupo muito conhecido dos alunos, usava o espaço e, às vezes, faziam aulas juntos. Como havíamos pesquisado que o passinho dos maloka sofreu influências de outros ritmos e danças, convidei a estudante para desenvolver uma prática com o pessoal do 6º ano, falar sobre suas experiências com a dança e seu convívio com a galera do NGKS.



Atividade de break dance com aluna Karine do 9º ano C

À medida em que caminhava, o trabalho se potencializava com a participação dos meninos e meninas, mesmo aqueles alunos que não dançavam, contribuíam com questionamentos e registros do que ocorria, além de buscar novas informações. Quando circulava pelos corredores da escola, ouvia comentários, perguntas e percebia o interesse de outras turmas com o que o 6º ano estava estudando. Concluí que deveria envolver mais pessoas, todas poderiam contribuir com seus conhecimentos.

Propus a realização de uma entrevista com pessoas diferentes sobre o tema do semestre. Como também me senti na obrigação de saber mais do assunto, solicitei a amigos e parentes em grupos de WhatsApp que me ajudassem, filmando ou gravando suas opiniões a respeito do funk e, caso conhecessem, do passinho dos maloka. Muitos sequer ouviram falar do tal passinho, mas em relação ao funk não faltaram manifestações de reprovação: “essa música é de gente indecente”; “só fala palavrão”; “tem apelo sexual”; “incenti-

va o consumo de drogas”, “expõe a mulher como objeto sexual”.

Esses materiais foram apresentados às turmas que também trouxeram áudios, vídeos e relatos escritos de muitas pessoas. Percebemos falas assemelhadas, tanto na crítica ao funk, como se fosse o causador de todos os problemas sociais, mas também vários depoimentos de homens e mulheres que apreciam o ritmo musical.

Perante os relatos das entrevistas e falas dos alunos, realizei novas pesquisas sobre o passinho dos maloka e o funk e organizei uma apresentação em power point com os assuntos que emergiram. Abordei a história do funk, desde o movimento iniciado por James Brown, nos Estados Unidos, que também sofreu perseguições e proibições em algumas cidades, assim como aconteceu com o rap, samba e capoeira, produtos das culturas periféricas. Ressaltei que o termo “maloka” é associado a um contexto negativo, funcionando como marcador de identidade de um grupo ou pessoa, basicamente, morador da periferia.

Num momento de reflexão sobre os acontecimentos das aulas durante uma conversa com minha companheira, ela me lembrou de um ex-aluno que dançava funk, lembrei que fazia parte de um grupo, talvez, se ele fosse à escola para dialogar com as turmas seria possível romper representações preconceituosas em torno do passinho dos maloka. Consegui o contato dele e imediatamente agendamos uma conversa com os estudantes.

Os meninos e meninas acharam uma excelente ideia interagir com alguém ligado ao funk. Ao saberem de quem se tratava, fui surpreendido pelo frenesi. Nem suspeitava que esse meu ex-aluno e seu grupo são uma grande referência no passinho dos maloka. Antes de recebê-los, combinamos como seria a atividade e elaboramos perguntas a serem feitas na ocasião.



Elaborando as perguntas

Como a situação implicaria na junção das três turmas, ficou decidido que cada qual elegeria dois representantes para fazer as

perguntas que a turma elaborou, porém nada impediria outros alunos de intervirem durante atividade. Entrei em contato com Yuri (membro do grupo Negritude - NGTD) para explicar a dinâmica, ele concordou e disse que faria também um pocket show.

Chegado o dia tão esperado, a escola estava alvoroçada. Outras turmas querendo participar, alunos chorando de emoção ao saber que receberiam o NGTD na própria escola. Em função do espaço, não foi possível atender a todos, mas alguns alunos deram um jeitinho de acompanhar apresentação.



Momento da apresentação do grupo NGTD



Dançando com o grupo

A presença dos dançarinos foi muito significativa para nosso trabalho. Pudemos conhecer um pouco mais sobre a prática corporal e sobre um grupo que tanto influencia os jovens da periferia, desde sua forma de vestir, o modo de falar, passando pelo corte de cabelo. Porém, uma questão ficaram no ar. Ao serem questionados se haviam sofrido algum tipo preconceito ou discriminação, responderam que sim, mas que não ligavam para comentários negativos. Notei que a resposta deixou alguns estudantes intrigados e outros decepcionados, pois havíamos discutido que as razões do preconceito têm relação com o local de origem e os sujeitos envolvidos nas práticas mal vistas por parte da sociedade.

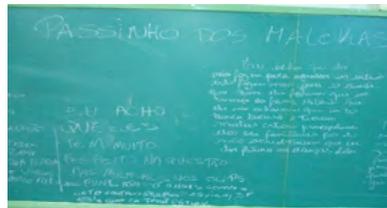
Na semana seguinte conversamos sobre a visita do NGTD. Muitos meninos e meninas elogiaram a atividade e agradeceram a oportunidade de conhecer pessoalmente o grupo. Aproveitei para retomar as conversas sobre o preconceito em torno do funk. Li uma matéria publicada no *Diário de Pernambuco*: “Entenda o passinho dos maloka, fenômeno que está renovando o brega funk”, em que jovens moradores do bairro de Santo Amaro, no Recife, descrevem como o passinho dos maloka tem influenciado o brega funk, tornando-se uma opção de lazer e gerado empregos, seja na produção de vídeos ou na criação e confecção de roupas.

Como a data da feira cultural da escola se aproximava, a qual tinha como eixo temático a diversidade, as turmas foram estimuladas a se organizar e preparar uma apresentação com o tema estudado durante o semestre. Durante os preparativos, contamos com a colaboração do Gabriel do 9º A, que ajudou na mixagem das músicas.



Apresentação na feira cultural

Finalizando o trabalho, solicitei aos estudantes que registrassem na lousa suas opiniões sobre tudo o que fizemos. Os comentários foram transpostos para o meu caderno. Por iniciativa própria, os estudantes gravaram um videoclipe com o tema, tendo por cenário ambientes variados da escola.



Avaliação do trabalho realizado

Analisando os registros, concluo que o tema permitiu conhecer mais sobre o universo dos alunos e o fato de desenvolver práticas que dialoguem com sua cultura criou a possibilidade de debate dos discursos preconceituosos que circulam na e sobre a comunidade escolar. No decorrer do trabalho, constatamos a importância do funk e do passinho dos maloka para construção da identidade de muitos jovens moradores da periferia.

* * *

Dedico a escrita deste relato aos alunos dos 6^a anos A, B e C. Nossos conflitos iniciais foram extremamente relevantes para o desenvolvimento das aulas. Buscamos romper com o discurso preconceituoso em torno do passinho dos maloka e que o termo maloka vem ganhando um novo significado: dizer “eu sou malokeiro” deixou de ser algo ruim.